

**COMO NÃO APRENDER UM NOVO IDIOMA?****HOW NOT TO LEARN A NEW LANGUAGE?****¿CÓMO NO APRENDER UN NUEVO IDIOMA?**Elielson dos Santos Silva<sup>1</sup>, Janderson Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>

e6127114

<https://doi.org/10.47820/recima21.v6i12.7114>

PUBLICADO: 12/2025

**RESUMO**

O artigo trata de pesquisas e análises de textos de diversos teóricos sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua estrangeira, especialmente o inglês, em diferentes segmentos de ensino, tanto em escolas públicas quanto privadas, particularmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Discute-se porque o ensino de língua inglesa tem sido colocado em segundo plano e como isso se reflete na baixa proficiência dos estudantes brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizado. Educação. Língua estrangeira. Inglês. Escolas.

**ABSTRACT**

*The article addresses research and analyses of texts by various theorists on the teaching–learning process of a second foreign language, especially English, in different educational levels, both in public and private schools, particularly in the final grades of elementary school and in high school. It discusses why English language teaching has been placed in the background and how this is reflected in the low proficiency of Brazilian students.*

**KEYWORDS:** Learning. Education. Foreign language. English. Schools.

**RESUMEN**

*El artículo aborda investigaciones y análisis de textos de diversos teóricos sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje de una segunda lengua extranjera, especialmente el inglés, en diferentes niveles de enseñanza, tanto en escuelas públicas como privadas, particularmente en los años finales de la educación primaria y en la educación secundaria. Se discute por qué la enseñanza de la lengua inglesa ha sido relegada a un segundo plano y cómo esto se refleja en la baja competencia de los estudiantes brasileños.*

**PALABRAS CLAVE:** Aprendizaje. Educación. Lengua extranjera. Inglés. Escuelas.

**1. INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa apresenta uma análise sobre como o ensino da língua inglesa, como segunda língua, tem sido colocado diversas vezes em segundo plano ao longo dos anos.

<sup>1</sup> Enber University. Graduação em Letras Português e Literatura Brasileira, Letras português e inglês; Pós-graduado em Ensino de Língua inglesa, Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, Ensino de EJA, Literatura em Língua inglesa, Metodologia Portuguesa e Literatura Espanhola. Mestrando em Ciências da Educação.

<sup>2</sup> Enber University. Licenciatura em Matemática e Pedagogia; Pós-graduado em Ensino de Matemática; Docência do Ensino Superior e Tutoria em Educação a Distância; Mestre em Ciências da Educação; Doutorando em Ciências da Educação.



Entretanto, mudanças ocorreram com o surgimento de diferentes abordagens e metodologias desde o final do século XIX até os dias atuais. O ensino passou por diversas fases, refletindo transformações sociais, tecnológicas e culturais.

Durante muito tempo, priorizou-se a tradução e a gramática. Com o tempo, percebeu-se a necessidade de mudanças e surgiram abordagens comunicativas e interacionais, valorizando a habilidade oral. Estudar essa trajetória nos ajuda a compreender por que o Brasil não apresenta altos índices de falantes proficientes. Entre os motivos, destacam-se: desvalorização da área, baixa proficiência dos alunos e práticas pedagógicas deficientes.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL

Em 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde pela reforma de Francisco de Campos, ocorreram mudanças estruturais importantes. Vieram os primeiros professores especializados, a organização em 1º e 2º graus e a retirada da obrigatoriedade de uma segunda língua no 1º grau. O Estado, então, tinha a obrigação de oferecer o idioma apenas para alunos do ensino médio (Nogueira; Leffa, 2008, p. 13).

Com a LDB de 1961, segundo Leffa, inicia-se “o começo do fim dos anos dourados para o ensino das línguas estrangeiras”. A defasagem do ensino de idiomas no Brasil, portanto, não é atual: trata-se de um problema antigo, decorrente de longos anos de desinteresse governamental.

A LDB de 1996 trouxe mudanças significativas, como a obrigatoriedade da oferta de uma língua estrangeira no ensino fundamental e médio (Brasil, 1996, p. 11). A escolha não precisava ser o inglês, pois havia abertura para outros idiomas. Com isso, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), criados pelo MEC para orientar os professores. Nesse contexto, novas metodologias e abordagens surgiram, sem hierarquia entre “melhor” ou “pior”.

## 3. A LÓGICA DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E AS INVERSÕES DO ENSINO BRASILEIRO

Segundo Ferreira (2001), o aprendizado natural de uma língua ocorre primeiramente pelas habilidades de escuta (*listening*) e fala (*speaking*). No Brasil, porém, esse processo é invertido: prioriza-se leitura e escrita.

Henri Wallon afirma que:

“O que é importante não é a materialidade de um gesto, é o sistema ao qual ele pertence no instante em que se manifesta. [...] A necessidade de repreender o som [...] pode ser sentida por qualquer um que tente falar uma língua estrangeira”.

Vygotsky explica que o pensamento não é verbal inicialmente; aos poucos, torna-se linguagem racional. Chomsky reforça que a gramática internalizada surge antes da escrita formal. A audição é o primeiro canal pelo qual identificamos sons, símbolos e significados.



A discrepância entre o modo natural de aprender e o método escolar brasileiro compromete a aprendizagem efetiva da língua estrangeira.

#### 4. SEMÂNTICA, AMBIGUIDADE E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

Língua e realidade não são a mesma coisa. Bakhtin (2006, p. 34) afirma que a palavra reflete e retrata a realidade, estando em constante transformação.

O significado não é fixo. Ullman (1961, p. 401) afirma:

“O significado é, provavelmente, o que menos resiste a mudanças”.

Oswald Ducrot demonstra como expressões simples podem ser ambíguas e depender do contexto. Exemplifica isso com o enunciado “os livros de Benveniste são difíceis”, mostrando múltiplas interpretações possíveis: livros escritos, comprados, citados ou dados por Benveniste.

Essa complexidade semântica evidencia que o ensino não pode se restringir à gramática normativa, ignorando o funcionamento real da linguagem.

#### 5. ORALIDADE, GRAMÁTICA INTERNALIZADA E SOCIOLINGUÍSTICA

O falante, mesmo sem escolaridade formal, domina as habilidades de escuta e fala. Assim, alguém que diz “nóis vai” comunica-se perfeitamente no cotidiano. Bagno critica a imposição artificial de uma norma que considera “errados” outros universos linguísticos.

O processo de aquisição começa antes do nascimento — ainda no útero, já escutamos sons, como defende Rubem Alves. Erros como “eu fazi” ou “eu buti”, produzidos por crianças, são parte da internalização das regras linguísticas. Denilso de Lima afirma que correções iniciais devem ser orais, não escritas.

O aprendizado envolve ainda ambiguidades, polissemias e estruturas complexas, destacando a necessidade de práticas pedagógicas mais contextualizadas.

#### 6. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL

Muitos alunos rejeitam o estudo da língua estrangeira, alegando frases como:

“Para quê? Eu nunca vou sair do Brasil.”

“Não preciso aprender isso.”

Somam-se a isso outros obstáculos: salas lotadas, falta de investimento e despreparo profissional. Leffa resume:

“O governo que não investe, o aluno que não está nem preocupado e o professor despreparado.”

Jacobs reforça que a atitude do aluno é central:

“O aprendizado não depende apenas do professor, da escola ou dos materiais. Depende, sobretudo, da atitude do aluno.”



Possenti acrescenta que crianças expostas a outro idioma aprendem rapidamente, desde que haja contato constante.

A exposição precoce, portanto, facilita a aquisição e naturaliza o idioma para o aprendiz.

## 7. O PAPEL DO LÚDICO E DO PROFESSOR MEDIADOR

O aprendizado lúdico é fundamental. Jogos fazem parte da cultura e auxiliam no desenvolvimento cognitivo. A criança é um conjunto de possibilidades em evolução constante.

Segundo Moreira e Masini (1982), o professor é mediador, mas o protagonista é o aluno. A motivação e o interesse são essenciais para a formação crítica, participativa e linguística do estudante.

## 8. MÉTODO

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, com base em autores que discutem o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. Foram consultados teóricos das áreas de Linguística, Educação e Aquisição de Linguagens, permitindo uma análise crítica sobre as práticas pedagógicas atuais. A pesquisa utilizou livros, artigos científicos, documentos oficiais e materiais didáticos para compreender como o ensino de inglês evoluiu historicamente e como se configura na atualidade.

A escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de compreender o percurso epistemológico do ensino de línguas no país, identificando rupturas, continuidades e influências de diferentes abordagens metodológicas ao longo do tempo. Assim, foi possível verificar como fatores sociais, políticos e educacionais moldaram as práticas de sala de aula e contribuíram para os desafios ainda existentes. Essa abordagem permitiu examinar tanto autores clássicos quanto contemporâneos, ampliando a perspectiva sobre o tema.

Para organizar os dados obtidos, realizou-se uma análise qualitativa, baseada na interpretação dos discursos teóricos. As contribuições de linguistas como Chomsky, Vygotsky, Wallon, Bakhtin e Ullmann foram fundamentais para compreender os processos cognitivos e sociais envolvidos na aquisição de uma segunda língua. Também foram analisadas contribuições de pesquisadores brasileiros, como Bagno, Leffa e Possenti, que discutem a realidade do ensino de inglês no contexto nacional.

Além da leitura teórica, foram considerados documentos orientadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que permitem perceber as mudanças legais e curriculares que influenciaram o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. A partir desse material, foi possível interpretar de que forma políticas públicas impactam diretamente a formação de professores, a organização das escolas e o desempenho dos estudantes.



Por fim, os dados foram sistematizados de modo a relacionar teoria e prática, discutindo como as abordagens metodológicas utilizadas ao longo da história influenciam os resultados observados nas escolas brasileiras. O método adotado, de caráter descritivo e analítico, permite compreender não apenas a estrutura histórica e pedagógica do ensino de inglês, mas também suas implicações atuais e perspectivas futuras.

## 9. CONSIDERAÇÕES

A análise apresentada ao longo deste estudo demonstra que o ensino de língua inglesa no Brasil enfrenta desafios históricos, estruturais e metodológicos. A inversão do processo natural de aquisição, privilegiando leitura e escrita em detrimento da oralidade, compromete significativamente a aprendizagem. Soma-se a isso a desvalorização da disciplina ao longo de décadas, refletindo-se na baixa proficiência observada entre os estudantes brasileiros.

Evidencia-se que a aprendizagem da língua estrangeira deve iniciar-se precocemente, com foco na comunicação e na interação. Os estudos de autores como Wallon, Vygotsky e Chomsky reforçam que o desenvolvimento da linguagem ocorre primeiramente pela escuta e pela fala, sendo inadequado exigir domínio gramatical antes da compreensão oral. Quanto mais cedo e mais natural for o contato com o idioma, melhores serão os resultados na vida escolar e social do aluno.

O papel do professor é fundamental nesse processo. Como mediador, ele deve promover práticas significativas, contextualizadas e conectadas ao cotidiano do estudante. A postura lúdica e motivadora, aliada ao uso de jogos, músicas, interações e atividades comunicativas, contribui para criar um ambiente favorável à aprendizagem. Entretanto, o aluno deve assumir seu papel de protagonista, compreendendo que o domínio do inglês é essencial em um mundo globalizado.

Também se conclui que políticas públicas mais consistentes são necessárias para garantir a qualidade do ensino. É imprescindível investir na formação docente, na redução do número de alunos por turma, na oferta de recursos pedagógicos e no reconhecimento da importância da língua inglesa no currículo escolar. Sem esses elementos, qualquer tentativa de avanço torna-se limitada.

Em síntese, aprender inglês é um processo gradual, que envolve erros, descobertas e interações constantes. A educação linguística deve ser construída a partir da motivação e do envolvimento ativo do aluno, como destaca Freire, ao afirmar que o indivíduo é autor de sua própria história. O ensino de inglês, portanto, não pode continuar em segundo plano: trata-se de uma necessidade social e educacional que exige compromisso, investimento e valorização.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOLOGNINI, Carmen. **Metodologias de Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: LDB, 1996.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- DENILSO DE LIMA. **Gramática do Inglês Cru**: o que você precisa saber para aprender inglês de verdade. São Paulo: Disal, 2009.
- DUCROT, Oswald. **Curso de Semântica Argumentativa**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JACOBS, Michael A. **Attitude**: o fator decisivo no aprendizado de inglês. São Paulo: Disal, 2008.
- LEFFA, Vilson. **A aprendizagem de línguas estrangeiras**: passado, presente e futuro. Pelotas: Educat, 2008.
- MOREIRA, Marco A.; MASINI, Elvira. **Aprendizagem Significativa**. São Paulo: Moraes, 1982.
- NOGUEIRA, N.; LEFFA, Vilson. **O ensino de línguas no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. (Citado para o contexto histórico da LDB e da obrigatoriedade da LE.)
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ULLMAN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.